

REVISTA PHILOLOGUS

ISSN 1413-6457



Rio de Janeiro - Ano 19 - Nº 55
Janeiro/Abril - 2013

R454

Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. – Ano 19, Nº 55, (jan./abr.2013) – Rio de Janeiro: CiFEFiL. 163 p.

**Quadrimestral
ISSN 1413-6457**

**1. Filologia – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos.
I. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**

CDU 801 (05)

EXPEDIENTE

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de filologia e de linguística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editora

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL)

Boulevard Vinte e Oito de Setembro, 397 / 603 – 20.551-030 – Rio de Janeiro – RJ

pereira@filologia.org.br – (21) 2569-0276 e **www.filologia.org.br/revista**

Diretor-Presidente:

Prof. Dr. José Pereira da Silva

Vice-Diretor-Presidente:

Prof. Dr. José Mario Botelho

Primeira Secretária:

Profa. Dra. Regina Céli Alves da Silva

Segunda Secretária:

Profa. Me. Anne Caroline de Moraes Santos

Diretor de Publicações

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva

Vice-Diretor de Publicações

Prof. Dr. Eduardo Tuffani Monteiro

Equipe de Apoio Editorial

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados para publicação nesta *Revista*.

Redator-Chefe:

José Pereira da Silva

Conselho Editorial

Adriano de Souza Dias

Afrânio da Silva Garcia

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Amós Coêlho da Silva

Antônio Elias Lima Freitas

Antônio Sérgio Cavalcante da Cunha

Claudio Cezar Henriques

Darcília Marindir Pinto Simões

Delia Cambeiro Praça

Eduardo Tuffani Monteiro

José Mario Botelho

José Pereira da Silva

Maria Lúcia Mexias Simon

Nataniel dos Santos Gomes

Regina Céli Alves da Silva

Vito César de Oliveira Manzollillo

Diagramação, editoração e edição

José Pereira da Silva

Projeto de capa:

Emmanuel Macedo Tavares

Distribuição

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a instituições de ensino, centros, órgãos e institutos de estudos e pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento das taxas postais correspondentes.

REVISTA PHILOLOGUS VIRTUAL

www.filologia.org.br/revista

SUMÁRIO

0.	Editorial.....	05
1.	Considerações sobre a nomenclatura oracional latina segundo a sintaxe antiga e moderna – <i>Fernando Adão de Sá Freitas e Luís Carlos Lima Carpinetti</i>	07
2.	Edição semidiplomática de uma “acção ordinaria de desquite” do início do século XX: considerações preliminares – <i>Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz</i>	18
3.	Flexão verbal em libras e em língua portuguesa: análise contrastiva – <i>Vanessa Gomes Teixeira e Catarina Modesto de Carvalho Leitão</i>	31
4.	Joaquim Maria Machado de Assis e José Maria Eça de Queirós sob os filtros da crítica textual – <i>Ceila Maria Ferreira</i>	44
5.	O ambiente ecolinguístico na fronteira Brasil/Venezuela – <i>Maria Ivone Alves da Silva</i>	51
6.	O index como porta de entrada para o códice 132 – <i>Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães e Alcía Duhá Lose</i>	70
7.	O mesmo foi registrado: para o estudo da realização de <i>mesmo</i> como pronome pessoal ou demonstrativo com valor anafórico na história do português brasileiro – <i>Rosicleide Rodrigues Garcia</i>	86
8.	O retrato da <i>Sajes e Booa</i> Princesa D. Isabel, Duquesa de Borgonha, e a corte portuguesa no século XV – <i>Ricardo Hiroyuki Shibata</i>	98
9.	Para ler textos latinos – <i>João Bortolanza</i>	110
10.	Subsídios para uma edição de um manuscrito inédito de frei Gaspar da Madre de Deus – <i>Renata Ferreira Costa</i>	119
11.	Uma análise discursiva de <i>O Vulgarizador</i> : jornal dos conhecimentos úteis – <i>Gustavo Alves Bezerra</i>	128

RESENHAS

1.	Anthesis: a floração das letras e da educação no Campus Floresta – <i>José Pereira da Silva</i>	135
2.	A filologia e a edição de textos – <i>José Pereira da Silva</i>	142

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Amstras do suplemento ao <i>Repertório brasileiro de língua e literatura latina (1997-2006)</i> : Santo Agostinho (I) - <i>Eduardo Tuffani</i>	144
--	-----

FLEXÃO VERBAL EM LIBRAS E EM LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE CONTRASTIVA

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

vanessa_gomesteixeira@hotmail.com

Catarina Modesto de Carvalho Leitão (UERJ)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise contrastiva da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa visando à abordagem de questões ligadas ao conteúdo de flexão verbal e considerando a diferença da modalidade dessas línguas: a libras é espaço-visual, enquanto o português é oral-auditivo. Com base em estudos que apontam que a língua de sinais, como língua materna do surdo, facilita a compreensão desse aluno no processo de aprendizado de aspectos gramaticais da língua portuguesa, o presente artigo busca destacar a importância de ponderar as respectivas especificidades de cada língua quando pensarmos em uma metodologia eficaz de ensino de língua portuguesa para alunos surdos.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Língua de sinais. Análise contrastiva.

1. Introdução

A língua é um sistema de signos constituído arbitrariamente por convenções sociais que possibilita a comunicação entre os indivíduos. É por meio da cultura de uma sociedade que a língua se constitui, integra e cria uma identidade para essa comunidade. Similarmente, a cultura surda auxilia na construção da identidade dos indivíduos surdos, na qual ser surdo é fazer parte de um mundo visual e desenvolver sua experiência na língua de sinais.

Estudos de pesquisadores sustentam que “se uma criança surda puder aprender a língua de sinais da comunidade surda, na qual ela será inserida, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte” (SOUZA, 2001). Assim, a língua de sinais, na condição de língua materna do surdo, será o meio de instrução para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua, possibilitando a participação do surdo no mundo ouvinte e sua afirmação como cidadão brasileiro. De outra forma, pode-se dizer que a libras, como primeira língua do surdo, facilita a compreensão desse aluno no processo de aprendizado de aspectos gramaticais da língua portuguesa.

No entanto, autores como Simone Gonçalves de Lima da Silva

(2008) e Audrei Gesser (2009) nos atentam quanto à diferença da modalidade de cada língua: a libras é espaço-visual, enquanto o português é oral-auditivo. Isso quer dizer que são duas estruturas linguísticas distintas e por isso, devemos levar em conta suas respectivas especificidades quando pensamos em uma metodologia de ensino de língua portuguesa para alunos surdos.

Nesse contexto, o presente trabalho visa abordar questões ligadas ao conteúdo de flexão verbal e como ele ocorre na língua portuguesa e na língua brasileira de sinais (libras), chamando a atenção para as semelhanças e diferenças entre as duas línguas. O trabalho justifica-se em virtude da grande dificuldade que os alunos surdos apresentam como com o conteúdo de flexão verbal em língua portuguesa.

O referencial teórico utilizado é a teoria linguística interdependente (CUMMINS, 1989, *apud* BROCHADO, 2003), assinalada como um arcabouço para a construção da educação bilíngue para alunos surdos. Segundo os teóricos da área, o princípio básico desta teoria é a competência básica comum. Entende-se que os aspectos relacionados ao letramento em L1 e L2 são comuns ou interdependentes através das línguas. Isso implica dizer que a experiência com alguma língua levará ao aumento da competência fundamental de ambas as línguas.

Como metodologia do trabalho, enfocamos a elaboração de análise contrastiva de questões temporais e aspectuais do conteúdo de flexão verbal tanto na língua de sinais como em língua portuguesa, pois acreditamos que é essencial o uso da primeira língua do surdo como base do ensino de uma segunda língua, no caso o português, para a compreensão dos seus conteúdos gramaticais por parte desse aluno. Para fazermos a comparação entre as duas línguas, utilizamos a *Gramática Houaiss da língua portuguesa* de José Carlos de Azeredo (2008) e textos de apoio sobre a língua de sinais, como: *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira* de Sonia Maria Dechandt Brochado (2003), *Os processos de formação de palavra na libras* de Tanya Amara Felipe de Souza (2006) e *As marcas linguísticas para as categorias tempo e aspecto na libras* de Rossana Finau (2008).

A partir do estudo sobre a temática dessas questões de flexão verbal, esperamos que a pesquisa nos apresente caminhos para a melhora da prática docente e possibilite facilitar o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa para alunos surdos.

2. Verbo: análise contrastiva

As línguas humanas possuem características essenciais ou contextuais, como também determinadas categorias gramaticais, como os verbos. Segundo Tanya Amara Felipe de Souza (2006), a descrição gramatical das línguas neolatinas foi baseada nas de tradição greco-latina, o que acarretou no surgimento de processos morfológicos da declinação (desinências para gênero, número, pessoa, caso para os nomes, adjetivos e pronomes) e conjugação (desinências para número, pessoa, tempo, modo e aspecto para os verbos). Já no caso das línguas de sinais a flexão não ocorre da mesma forma. Sandra Patrícia de Farias (2006), no artigo *Ao pé da letra não! Mitos que permeiam o ensino de leitura para surdos*, faz uma distinção entre "língua de sequenciação morfológica" (LP) e "língua de sobreposição morfológica" (libras). Para a referida autora:

Pode-se afirmar que uma aula de LP para surdos é sempre um encontro marcado entre duas culturas linguísticas, uma vez que professores de LP para surdos são, na maioria, ouvintes. Nesse encontro, o professor de LP chega munido das estruturas morfológicas sequenciadas de "sua" LP, ao passo que o aluno surdo chega munido da sobreposição de informações morfológicas de "sua" LSB. Nesse contexto dicotômico, o professor de LP, nem sempre proficiente na LSB, nem sempre consciente de estratégias eficientes ao ensino, acaba por desenvolver um ensino que fragmenta a LSB, descontextualizando-a e impossibilitando seus alunos de verem a cadeia semântica e pragmática da LP. (FARIAS, 2006, p. 276-277)⁸

No caso específico do presente artigo, uma categoria a ser revisitada nas duas línguas é o verbo, palavra que expressa *ação, estado ou fenômeno da natureza*. José Carlos de Azeredo (2009), em sua *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, explica: "Verbo é, do ponto de vista morfológico, a espécie de palavras que ocorre nos enunciados sob distintas formas para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa". (AZEREDO, 2009, p. 180)

A partir dessas considerações, o presente trabalho analisará de que forma a classe de palavras *verbo* se apresenta na língua portuguesa e na libras, destacando semelhanças e diferenças que podemos encontrar nas duas línguas.

⁸ A denominação LSB refere-se à antiga sigla da língua de sinais brasileira. Em outubro de 1993, foi feita uma reunião na Feneis e foi decidido que adotariam, a partir daquela data, o nome de libras, embora essa sigla fuja dos padrões internacionais de denominação das línguas espaço-visuais,

3. Estrutura verbal

José Carlos de Azeredo (2009) afirma que a forma verbal padrão plena do português é dotada de um morfema lexical – sua base ou *radical* – e um conjunto de noções gramaticais dispostas em uma ordem fixa e linear após esta base – *vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal*. Além destes, uma forma verbal regular também apresenta o *tema*.

RAIZ	É o elemento que encerra a significação fundamental de todo o conjunto, chamado família léxica ou família de palavras ou cognatos.
RADICAL	É a parte que expressa o significado básico do verbo; elemento comum destacado através da comparação de uma série de palavras com uma base idêntica de significação.
VOGAL TEMÁTICA	É o elemento indicador do tema. Nos verbos, tais vogais indicarão a qual das três conjugações pertence o verbo.
TEMA	É a união do radical com a vogal temática do verbo.

Quadro 1- A Estrutura do Verbo

As desinências são morfemas flexionais que indicam as categorias de tempo, modo, número e pessoa.

DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL	É o elemento que designa o tempo e o modo do verbo.
DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL	É o elemento que designa a pessoa do discurso (primeira, segunda ou terceira) e o número (singular ou plural).

Quadro 2- Desinências Verbais

Os elementos que compõem as formas verbais da língua portuguesa se organizam da seguinte maneira:

(PREF +) RAD (+SUF) + VT + (DMT + DNP) (DFN)

Na libras, a flexão de verbos ocorrem por mecanismos discursivos, contextuais e espaciais. Vale ainda destacar que não há as categorias morfológicas/sufixos específicas de tempo e modo na conjugação dos verbos, mas há a incorporação de outros tipos de flexão, como: de parâmetros⁹ de movimento, de direção e de expressões faciais.

Segundo Tanya Amara Felipe de Souza (2006), a forma verbal da libras é estruturada a partir de uma raiz, considerando o conceito de raiz como o constituinte da palavra que contém significado lexical, mas não inclui afixos derivacionais ou flexionais. O processo de modificação do

⁹ Existem cinco parâmetros na libras, que são configuração das mãos, ponto de articulação, orientação, movimento e expressão facial, que, quando combinados, formam a estrutura de libras.

verbo por adição à raiz na libras pode ser obtido, por exemplo, a partir da associação da negatividade como no caso de sufixos e infixos.

No caso dos sufixos, a negação se associa a raiz alterando um dos parâmetros do sinal, especialmente o parâmetro movimento. Assim, o movimento contrário ao da base concluindo o movimento, caracteriza a negação incorporada, como no exemplo do verbo *gostar*:



FIG. 1: Gostar

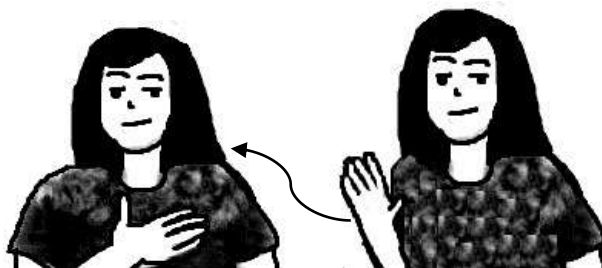


FIG. 2: Gostar-Não

Ilustrações dos verbos GOSTAR e NÃO-GOSTAR em libras.

O movimento seria no português como o sufixo anti-, como em anti-higiénico, e não um item lexical para negação.

Já no caso dos infixos, a negação se associa concomitantemente à raiz verbal através da intercalação no movimento ou através da expressão corporal, como no exemplo do verbo *ter*:

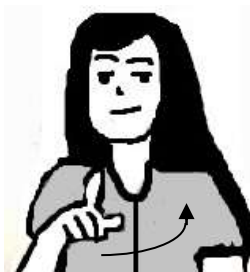


FIG. 3: Ter

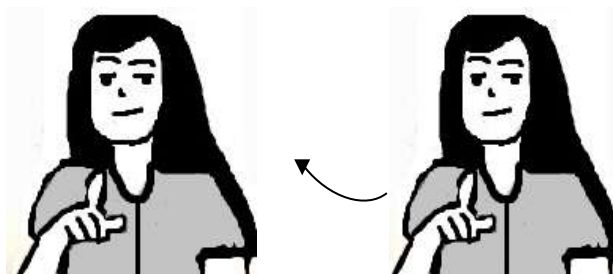


FIG. 4: Ter-Não

Ilustrações dos verbos TER e NÃO-TER em libras

Além disso, Tanya Amara Felipe de Souza (2006) explica que a raiz também pode ser modificada internamente através de cinco mecanismos, que são: flexão para pessoa do discurso, flexão para aspecto verbal, flexão para gênero, incorporação do numeral e incorporação do intensificador *muito* ou de casos modais. Esses mecanismos serão aprofundados nas próximas seções.

4. Categorização dos verbos em língua portuguesa e em libras

Os verbos em português assumem formas para expressar uma ideia. Segundo José Carlos de Azeredo (2009):

Uma tradição descritiva que remonta à Idade Média e que se inspira na filosofia escolástica nos ensina a reconhecer dois componentes na construção dos enunciados: o *dictum* – aquilo que é objeto da comunicação – e o *modus* – a atitude ou ponto de vista do enunciador relativamente ao objeto de sua comunicação. A expressão do *modus* é realizada de várias maneiras. Uma delas consiste em variar a entonação da frase para exprimir certeza, admiração, dúvida, ceticismo, etc. Também podem recorrer a verbos que expressam atitudes,

como saber, duvidar e supor, e a advérbios, como talvez, sinceramente, obviamente etc. Trata-se de recursos de modalização. (AZEREDO, 2009, p. 209)

Essas formas, definidas como *modos verbais*, são três em língua portuguesa: *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*.

INDICATIVO	Serve para indicar fatos de existência objetiva. Este modo é próprio dos enunciados declarativos simples, em que ocorre apenas um verbo ou uma locução verbal.
SUBJUNTIVO	Serve para representar fatos como dependentes do ponto de vista pessoal do enunciador. Ele é usual nas formas verbais de dois grupos principais: as estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo e as construções que expressam hipótese.
IMPERATIVO	Usado em frases em que o enunciador expressa uma ordem, uma exortações, um pedido.

Quadro 3- Modos Verbais

Já conjugação é “a classe mórfica a que pertence o verbo”. As conjugações do português são três:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO	Caracterizada pelo tema (radical + vogal temática) em –a.
SEGUNDA CONJUGAÇÃO	Caracterizada pelo tema (radical + vogal temática) em –e. ¹⁰
TERCEIRA CONJUGAÇÃO	Caracterizada pelo tema (radical + vogal temática) em –i.

Quadro 4- Conjugações Verbais

As três conjugações, caracterizadas acima, possuem paradigmas. O paradigma da 1ª conjugação é o verbo “cantar”; já o paradigma da 2ª conjugação é o verbo “vender”; e o paradigma da 3ª conjugação é o verbo “partir”. Os verbos cuja flexão não provoca alterações no radical e formados a partir das desinências normais de sua conjugação são chamados de *regulares*. Já os verbos cuja flexão provoca modificações no radical ou nas desinências são chamados de verbos *irregulares*.

Já no caso da libras, a categorização dos verbos ocorre de outra forma. Segundo Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004), os verbos estão basicamente divididos em 3 classes:

VERBOS SIMPLES	são verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Exemplos dessa categoria são: conhecer, amar, aprender, saber, inventar, gostar.
-----------------------	---

¹⁰ É importante lembrar que no caso do verbo “pôr” e derivados (“repor”, “compor”, “dispor”, “opor”, etc.) pertencem à segunda conjugação. Para essa classificação, levou-se em conta a forma arcaica do verbo “pôr”, que era “poer”. A forma atual não possui vogal temática no infinitivo.

VERBOS COM CONCORDÂNCIA	são verbos que se flexionam em pessoa e número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são: dar, enviar, responder, perguntar, dizer, provocar.
VERBOS ESPACIAIS	são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são: colocar, ir, chegar.

Quadro 5- Categorização dos Verbos em Libras

5. Categorias de pessoa e número

Segundo José Carlos de Azeredo (2009), em todo diálogo, situação típica de comunicação, a pessoa que fala se refere a si mesmo como “eu” e o seu ouvinte como “tu/você”. No caso da língua portuguesa, o verbo varia suas formas para expressar as categorias de número (*singular x plural*) e de pessoa (*primeira, segunda, terceira*) do sujeito dos quais se referem ou, no caso de frases com o verbo “ser”, do predicativo dos quais se referem.

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	O “eu” do discurso.
SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	O “tu” do discurso.
TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR	O “ele” do discurso.
PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	O “nós” do discurso.
SEGUNDA PESSOA DO PLURAL	O “vós” do discurso.
TERCEIRA PESSOA DO PLURAL	O “eles” do discurso.

Quadro 6- Categorias de Número e Pessoa dos Verbos

Já em libras, para determinar a pessoa, em todos os casos, a configuração usada é a mão em [G1]¹¹. Na primeira pessoa, o dedo indicador aponta para o peito do locutor e na segunda pessoa, o indicador aponta para o interlocutor. Pontos no espaço, estabelecidos durante o discurso, representam as terceiras pessoas. Uma das formas de expressar o plural é através do movimento semicircular para a segunda pessoa e do movimento circular para a primeira pessoa.

6. Categorias de tempo

Além disso, José Carlos de Azeredo (2009) também explica que todo evento é situado no tempo, sendo o momento em que se fala o “ago-

¹¹ Configuração de mãos é a posição na qual a mão deve ficar para formarmos um sinal em libras. No caso da configuração de mão em G1, o dedo indicador fica estendido. Trata-se de um classificador usado para descrever, localizar (usando a ponta do dedo) e representar total ou parcialmente objetos, pessoas, animais quanto à forma e ao tamanho. (FERREIRA, 2010)

ra”, e no espaço em que o indivíduo fala, que é identificado como “aqui”. Levando em conta o momento em que se fala, o fato indicado pelo verbo pode acontecer no presente (ao mesmo tempo do que o ato de fala), pode ter acontecido no passado (antes do ato de fala) ou poderá acontecer no futuro (depois do ato de fala).

Em português, o modo indicativo dos tempos simples possui seis tempos verbais. São eles:

PRETÉRITO PERFEITO	Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado.
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado.
PRETÉRITO IMPERFEITO	Expressa um fato que ocorreu num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado.
PRESENTE	Expressa uma fato atual.
FUTURO DO PRESENTE	Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual.
FUTURO DO PRETÉRITO	Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado.

Quadro 7- Tempos Verbais do Indicativo

O modo subjuntivo dos tempos simples, por sua vez, possui três tempos verbais. São eles:

PRETÉRITO IMPERFEITO	Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido. O pretérito imperfeito também é usado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo.
PRESENTE	Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual.
FUTURO DO PRESENTE	Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual. O futuro do presente também é usado em frases que indicam possibilidade ou desejo.

Quadro 8- Tempos Verbais do Subjuntivo

Por último, temos também o modo imperativo, que apresenta apenas um tempo verbal: o presente¹².

Já em libras, o tempo é expresso através de locativos temporais apresentando entre si relações espaciais. O presente (*hoje, agora*) é representado pelo plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor. O futuro próximo (*amanhã*) é indicado por um curto movimento direcionado para frente do locutor. O futuro distante (*daqui a muito tempo*) é indicado por um amplo movimento que se afasta do corpo do locutor para frente. O passado (*ontem*) é representado por um movimento sobre o

¹² Além dos tempos simples, temos também os tempos compostos.

ombro que deve atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido. O passado distante (*há muito tempo*) é indicado por um longo movimento que se amplia além das costas.

Passado	Operador temporal específico. Direção para trás e/ou para baixo. Relação com a aspectualidade da sentença.
Passado mais distante	Flexão aspectual no sinal de passado por alteração do movimento (amplitude) e expressão facial ou emprego de operador que também pode receber flexão.
Passado mais recente	Operador que pode receber flexão aspectual.
Presente	Advérbio temporal. Relação com a aspectualidade da sentença.
Futuro	Operador temporal especial.
Futuro mais distante	Flexão aspectual no sinal de futuro por alteração do movimento (amplitude) e expressão facial ou emprego de operador que também pode receber flexão.
Futuro mais próximo	Operador que pode receber também flexão aspectual. Direção para frente e/ou para cima.

Quadro 9- Marcas Linguísticas para as Categorias Tempo e Aspecto na Libras

FONTE: FINAU (2008, p. 260-300)

7. Categoria de aspecto

A categoria do aspecto indica a duração do processo verbal. Em língua portuguesa, o aspecto é expresso a partir dos tempos verbais, que definem se a ação é momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta, entre outros.

Já em libras, as maneiras aspectuais mais comuns são pontualidade, continuidade e duração. Os contrastes espaciais e temporais superpostos são os fatores que modificam o movimento dos sinais. “Sendo uma língua multidimensional, os parâmetros podem ser alterados para a obtenção de modulações aspectuais, incorporações de informações gramaticais e lexicais, quantificação, negação e tempo” (FERREIRA, 2010, p. 49-50). Segundo Rossana Finau (2008), a partir da leitura aspectual é possível por meio do valor semântico dos verbos e seus complementos e, fortemente, pela participação de flexões gramaticais realizadas nos parâmetros movimento (com alteração de amplitude, frequência, duração, velocidade, direção – reto, arco, semiarco), configuração de mãos e articulação de braços (principalmente o emprego de uma versus duas mãos), e expressão facial.

Além disso, na língua de sinais, há a marcação de aspecto distributivo que está diretamente ligada com a flexão de número nos verbos

que apresenta concordância. A libras possui diversas formas de marcar o aspecto distributivo no verbo. Entre elas, temos:

EXAUSTIVA	A ação é repetida exaustivamente.
DISTRIBUTIVA ESPECÍFICA	A ação distributiva é direcionada para referentes específicos.
DISTRIBUTIVA NÃO-ESPECÍFICA	A ação distributiva é direcionada para referentes não específicos.

Quadro 10- Aspecto na Libras

A força da flexão do aspecto obriga a mudança na ordem da frase, recolocando o verbo em posição final (sujeito-objeto-verbo+aspecto) (QUADROS; KARNOPP, 2004). Há também flexões de foco e aspecto temporal, como:

INCESSANTE	A realização da ação é realizada incessantemente.
ININTERRUPTA	A ação se inicia e continua ininterruptamente.
HABITUAL	A ação apresenta recorrência.

Quadro 11- Aspecto Temporal na Libras

8. Considerações finais

A partir das variáveis observadas neste estudo sobre a análise contrastiva de questões temporais e aspectuais do conteúdo de flexão verbal tanto na língua portuguesa como na libras, foi possível observar que o ensino de língua portuguesa na educação dos alunos surdos deve levar em consideração a diferença de modalidade de cada língua: a libras é espaço-visual, enquanto o português é oral-auditivo. Por serem estruturas linguísticas distintas, é de suma importância que suas respectivas especificidades sejam exploradas quando pensarmos em uma metodologia de ensino de língua portuguesa para alunos surdos.

Ressaltamos que os estudos da linguística aplicada ao ensino de línguas apontam que o conhecimento de uma primeira língua é condição essencial para aprender uma nova língua. Desta maneira, este artigo reafirma que o uso da primeira língua do surdo como fundamento do ensino de uma segunda língua, no caso a língua portuguesa, é um auxiliador indispensável para a compreensão do conjunto de regras de uma língua, por parte desses alunos.

Consideramos, portanto, que, na análise contrastiva, o elo intermediário da compreensão da língua portuguesa escrita seria a língua de sinais. Por meio da análise contrastiva das duas línguas, seria possível elaborar uma metodologia de segunda língua que, conforme Daniele

Marcelle Grannier (2002), é definida como “ensino do português-por-escrito”. Tal proposta deve estar baseada em uma perspectiva instrumental de ensino de línguas.

Nosso objetivo, na presente pesquisa, foi a elaborar uma análise contrastiva que auxiliasse o professor no ensino de flexão verbal de língua portuguesa para alunos surdos. Como uma das nossas principais considerações, denunciemos que há muito que se fazer ainda no que se diz respeito à educação de alunos surdos. As instituições de ensino superior precisam estimular a pesquisa na área da surdez e incorporar matérias que incentivem a produção de materiais para auxiliarem no ensino para alunos surdos. Além disso, é necessário implementar políticas públicas que de fato promovam as diretrizes para a formação inicial e continuada de professores, isto é, que capacitem-nos a realizarem um trabalho eficaz e diferenciado na sala de aula. Somente através dos estudos realizados na área da surdez, poderão ser elaboradas propostas pedagógicas adequadas para o ensino de alunos surdos e a sua inclusão no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BROCHADO, Sonia Maria Dechandt. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. 2003, 431f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2003.

FARIAS, Sandra Patrícia de. Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para surdos. In: QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos surdos, I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 252-283.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FINAU, Rossana. As marcas linguísticas para as categorias tempo e aspecto na libras. In: QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). *Estudos surdos, III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008, p. 260-300.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

GRANNIER, Daniele Marcelle. Português-por-escrito para usuários de

libras. *Revista Integração*, ano 14, n. 24, p. 48-51, 2002.

QUADROS, Ronice Müller de. *Estudos surdos, I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; SCHMIEDT, Magali Lemos Pinto, *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. V1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. *Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas*. 2008, 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SOUZA, Tanya Amara Felipe de. *Libras em contexto: curso básico do estudante cursista*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

_____. Os processos de formação de palavra na libras. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

_____; LIRA, Guilherme de Azambuja. *Dicionário da língua brasileira de sinais- libras*. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Acessibilidade Brasil – CORDE, 2005.